

Curdas na Guerra Civil Síria

Enquadramento midiático sobre a YPJ no Brasil

LETÍCIA FERREIRA LOPES

Jornalista
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil
f.lopesleticia@gmail.com

MAIARA GARCIA ORLANDINI

Doutoranda em Comunicação Social
Universidade Federal de Minas Gerais
Grupo de Pesquisa em Mídia e Esfera Pública
Instituto da Democracia e da Democratização da
Comunicação
orlandini.maia@gmail.com



Guerra Civil que ocorre na Síria ganhou atenção nos últimos anos devido às suas proporções desastrosas. O conflito começou em 2011 quando o presidente da Síria, Bashar al-Assad, respondeu aos protestos da Primavera Árabe de forma violenta, causando revolta na população. As ações agressivas do governo junto às insatisfações populares pautadas durante a Primavera Árabe despertaram o que hoje é a Guerra Civil Síria: um conflito multifacetado, com diversos agentes, diferentes objetivos e atuações. Um dos aspectos que representa bem as nuances desse conflito é o confronto entre o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EI) e a *Yekineyên Parastina Jinê* (YPJ), conhecida como Unidade de Defesa das Mulheres.

O Estado Islâmico do Iraque e da Síria, ou EI, é um grupo sunita criado a partir do braço iraquiano da Al-Qaeda, rede responsável pelos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. A participação do EI na Guerra Civil Síria se deu no final de 2011, aliando-se aos rebeldes que iam contra o governo de Bashar al-Assad e na tentativa do grupo em estabelecer um califado, ou seja, a expansão de um império islâmico global comandado por um líder político religioso chamado califa. O Estado Islâmico é composto por sunitas e regido por princípios *jihadistas* salafistas sob uma ótica *wahhabita* que, em suma, trata-se de uma interpretação específica do Alcorão, o livro sagrado do islamismo.

Pour citer cet article

Référence électronique

Letícia Ferreira Lopes, Maiara Garcia Orlandini
« Curdas na Guerra Civil Síria. Enquadramento
midiático sobre a YPJ no Brasil », *Sur le journalisme,
About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 11,
n°1 - 2022, 15 juin - june 15 - 15 de junho.
URL : <https://doi.org/110.25200/SLJ.v11.n1.2022.475>

A *Yekineyen Parastina Jinê* (YPJ), também conhecida como Unidade de Defesa das Mulheres, é uma organização militar composta apenas por mulheres curdas com foco em defesa de ataques do governo sírio e do Estado Islâmico. O grupo busca empoderar mulheres, defendendo a igualdade de gênero, especialmente no que diz respeito à elaboração e execução de tarefas militares. As ações destas integrantes na linha de frente ganharam destaque na mídia nacional e internacional. Ademais, com o desenvolvimento e crescimento dos movimentos feministas nas últimas décadas, a posição da mulher está sendo cada vez mais reconhecida nas sociedades atuais. Entretanto, os veículos de comunicação brasileiros muitas vezes não acompanham a evolução do protagonismo feminino e, por consequência, representam as mulheres em seus produtos de forma machista.

Levando em conta as ações inovadoras da YPJ na Guerra Civil Síria junto à problemática dos produtos de mídia ainda presentes no nosso país, este trabalho procurou responder qual o foco das coberturas jornalísticas nacionais sobre as combatentes da YPJ. Para tal, analisamos 70 matérias jornalísticas online com esta temática, considerando as manchetes, o conteúdo imagético e o texto jornalístico. Perguntamos se esses conteúdos cumpriram papel informativo sobre o grupo e se deram visibilidade às causas da YPJ, ou ainda denotam caráter limitante e pouco agregador à causa.

Ao fim da análise, os achados apontam que as matérias sobre a atuação da YPJ na Guerra Civil Síria são (i) marcadas por abordagens ligadas às questões bélicas sem aspectos diplomáticos e pela (ii) falta do protagonismo feminino nos enquadramentos midiáticos.

TERRITÓRIO AUSENTE, GUERRA PRESENTE: A SITUAÇÃO GEOPOLÍTICA DA YPJ NA SÍRIA

Antes de entender a situação das mulheres curdas e a cobertura jornalística nacional sobre estas, é necessário contextualizar os principais pontos da Guerra Civil Síria e como o povo curdo se encaixa nesta temática.

Embora tenha ocupado um grande espaço na mídia com a crise humanitária dos refugiados nos anos de 2016 e 2017, a Guerra Civil Síria começou após uma onda de protestos pró-democracia em janeiro de 2011, na cidade de Deera, na fronteira com a Jordânia. As manifestações, motivadas pelo advento da Primavera Árabe, demonstravam a insatisfação do povo perante o desemprego, corrupção e falta de liberdade política durante o governo de Bashar al-Assad, atual presidente da Síria que está no poder desde 2000, que também é filho do ex-presidente Hafez al-Assad, o qual governou

o país por quase 30 anos. Nesse contexto da Primavera Árabe, o governo Assad utilizou as Forças Armadas para prender e torturar um grupo de estudantes que protestavam nas ruas.

Diante disso, a população da Síria se revoltou e, além dos pontos evidenciados durante a Primavera Árabe, o povo também passou a protestar a favor da deposição de Bashar al-Assad. O presidente respondeu ordenando às autoridades policiais a disparar tiros de armas de fogo contra a população. A partir daí, as manifestações adquiriram caráter violento contra o governo de Bashar al-Assad, dando origem a Guerra Civil Síria que afetou milhares de pessoas, inclusive a população curda.

Sobre este povo, segundo o livro “A Revolução Ignorada”, escrito pela ativista curda e PhD na Universidade de Cambridge, Dilar Dirik, e pelo antropólogo e professor no Colégio Goldsmith da Universidade de Londres, David Graeber, sabe-se que há em torno de 30 milhões de indivíduos distribuídos majoritariamente pelos territórios da Armênia, do Irã, do Iraque, da Turquia e da Síria. Entretanto, o Curdistão não pode ser encontrado em mapas geopolíticos e ainda carrega o estigma de ser a maior nação sem Estado do mundo. Em virtude disso, o Curdistão não só se consolidou como uma policromia religiosa, étnica e linguística, mas também se manteve submisso aos territórios de maioria árabe. Isto ocasionou na sua divisão em quatro localidades: Curdistão do Norte ou *Bakur*, localizado na Turquia; Curdistão do Sul ou *Bashur*, situado no Iraque; Curdistão Oriental, ou *Rojhilat*, localizado no Irã; e Curdistão Ocidental, ou *Rojava*, situada na Síria (Dirik, Graeber, 2017, p.44), sendo esta última visível conforme a figura 1:

Figura 1 - Mapa que localiza a Rojava



Fonte: A Revolução Ignorada (Dirik, Graeber, 2017, p.13)

Em 1993, aproximadamente 30.000 curdos perderam não só suas propriedades, mas também sua nacionalidade síria, sendo expulsos de seus povoados e enviados para Damasco e Aleppo. Como consequência, os indivíduos curdos passaram a ser lidos como estrangeiros e ocultos, sobretudo, durante o governo dos Assad, que reprimiu

qualquer tipo de manifestação curda, dentre elas, a proibição da língua (Dirik, Graeber, 2017, p.50). Os conflitos geopolíticos vivenciados pelo povo curdo refletiram especialmente nas mulheres que se mobilizaram para ter seus direitos reconhecidos. Por isso, desde os anos 80, existe o movimento pela libertação das mulheres curdas, cuja trajetória foi marcada pela reafirmação feminina em várias esferas da sociedade e permitiu que assuntos de diversas naturezas fossem desenvolvidos por mulheres, como as pautas econômicas, políticas, culturais, ambientais e o conflito armado. Assim, as curdas passaram a ocupar posições antes exclusivamente masculinas (Dirik, Graeber, 2017, p.67).

Nesse aspecto, existe a *Yekineyên Parastina Jinê* (Unidade de Defesa das Mulheres - YPJ), grupo composto exclusivamente por mulheres que se destacou na mídia devido ao seu protagonismo no enfrentamento armado contra o Estado Islâmico. O seu diferencial está na busca em empoderar mulheres e defender a igualdade de gênero, especialmente no que tange à elaboração e execução de tarefas militares

Criada em 2013 e regida por princípios democráticos, a YPJ faz parte da *Yekineyên Parastina Gel* (YPG), ou Unidades de Defesa Popular, encarregadas de defenderem a região de Rojava desde 2004, porém, só vieram a público em 2011. Ainda que sejam ativas no *front* de batalha da Guerra Civil Síria, as forças da YPJ não recebem auxílio de potências regionais ou internacionais e carecem de armamento pesado, contando apenas com armas simples como, por exemplo, antigos modelos de AK-47 e alguns projéteis antitanque.

No que tange ao conflito armado, a YPJ assume posição de neutralidade, com o foco em expulsar as forças governamentais hostis e defender seus territórios de práticas dos grupos *jihadistas*, em particular contra a Frente *al-Nusra* e o Estado Islâmico, sendo este último, responsável por capturar mulheres e vendê-las como escravas sexuais em diversas áreas (Dirik, Graeber, 2017, p. 113-114).

A YPJ é lida como um exército feminista (Dirik, Graeber, 2017, p.29) por fazer parte do Movimento Feminista Curdo e lutam por ideias que são intimamente ligadas ao feminismo. Além da formação militar, é importante destacar que o grupo oferece formação social e política acerca do tema para as militantes, permitindo que estas possuam as ferramentas necessárias para defenderem sua liberdade pessoal e coletiva (Dirik, Graeber, 2017, p.41).

JORNALISMO DE GUERRA: ENQUADRAMENTOS DE GUERRA E PAZ

Assim como a política, economia, cultura e entre outros temas, a guerra também possui um espaço den-

tro do campo de estudos do jornalismo (Aldé, 2004; Shinar, 2009; 2013; 2016a; 2016b; Martinez & Heller, 2018; Cohen & Wolfsfeld, 1993, Cabral & Salhani, 2017; Cardoso, 2013, para citar alguns). As pesquisas mostram tanto detalhamento sobre as distintas experiências dos jornalistas quanto o enquadramento no conteúdo midiático que rege esse campo.

Na perspectiva apontada por Dov Shinar (2009), fundador decano da Escola de Estudos de Mídia na Faculdade de Administração e professor do Colégio Acadêmico Netanya, ambos em Israel, em sua obra “Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio”, as guerras proporcionam aos espectadores uma narrativa que pode evidenciar heroísmos, dramas, emoções, visuais marcantes, resultados enigmáticos, entre outros. O jornalismo sobre conflitos armados evidenciado nos agentes midiáticos é classificado entre as coberturas de guerra e paz (Shinar, 2009, p.10-11), por isso é importante mencionar que há uma diferença entre ambas.

A cobertura de guerra é a mais comum e também a que possui o maior prestígio social e valor-notícia. Regida pelo *fast food* midiático (Vasconcelos apud Shinar, 2009, p.16), a cobertura de guerra não se limita aos pequenos detalhes, mas busca levar os eventos até o espectador de uma maneira simples. Essa abordagem traz apenas os conflitos em si e suas consequências visíveis, como o número de feridos ou mortos, as armas utilizadas ou os danos materiais causados (Cabral & Salhani, 2017, p.10). De forma geral, a cobertura de guerra não exige muita interpretação dos fatos e a mídia proporciona descrições sucintas, uma vez que questões complexas como origens, das causas, dos contextos, do custo humano dos conflitos são difíceis de serem detalhadas (Shinar, 2009, p.13). Além disso, isso exige mais tempo e dinheiro dos veículos de comunicação (Shinar, 2009, p.10 - 14).

Em contrapartida, há a cobertura de paz que, ao invés de somente reportar a violência direta, busca a humanização e o entendimento, uma vez que dá voz a todas as partes envolvidas no conflito (Cabral & Salhani, 2017, p.15). Diferentemente da cobertura de guerra, a cobertura de paz não possui um alto prestígio social, pois não apela para a espetacularização tão atraente às empresas e ao público, trazendo informações mais complexas. Nesse aspecto, ela procura levar o conteúdo relacionado ao antes do conflito, o que levou àquela situação, o durante, o que deve ser feito para transformá-la, e o depois, portanto, o legado e quais são as consequências e estratégias de prevenção (Cabral & Salhani, 2017, p.15).

Além da abordagem de jornalismo de guerra e jornalismo de paz, é interessante adotar a perspectiva de Aldé (2004) que em “Mídia e guerra: enquadramentos do Iraque” analisa a relação entre os meios de comu-

nicação de um país em guerra e a própria guerra em si como plural, por ter a capacidade de adotar diversos ângulos:

“Cabe destacar o ponto de vista estratégico do ator que está em guerra – o próprio Estado, suas forças civis e militares. Também interessa a perspectiva da sociedade cujo poder, numa democracia, o Estado representa, e cujos interesses podem ou não coincidir com os deste último. Por fim, também influirá no tipo de jornalismo sobre uma guerra o próprio *modus operandi* dos jornalistas de dado país, naquele momento histórico: as práticas, rotinas e expectativas profissionais das pessoas envolvidas na produção das notícias.” (Aldé, 2004, p.2)

Mesmo que o material noticioso deste trabalho seja apenas os veículos no Brasil e o país não está envolvido na Guerra Civil Síria, ainda há a pluralidade, já que o agendamento entre mídia e Estado está presente diariamente nos jornais, não sendo algo exclusivo do jornalismo de conflitos. Da mesma forma que um país está envolvido no combate interferindo no *modus operandi* dos jornalistas, o fato dele estar fora também terá influência, mas a partir de outras perspectivas.

Ainda segundo Aldé (2004), esses diversos ângulos ocasionam diferentes enquadramentos na cobertura jornalística de conflitos. Podemos citar o econômico com foco e interesses financeiros dos envolvidos diante do conflito; o humanista centrado nos efeitos da guerra como populações submetidas, perdas humanas e na destruição civil; o político com o peso do conflito para o exercício do poder e tomadas de decisão a nível nacional e internacional; e, por fim, o militar belicista, responsável por enfatizar táticas e estratégias de guerra, nos arsenais e equipamentos, sendo este último enquadramento o mais valorizado pelos veículos de comunicação (Aldé, 2004, p.10-11).

A ânsia por material de guerra no jornalismo se dá pelo fato de que a cobertura de conflitos possui certo valor e prestígio, afinal, é um momento em que os jornalistas são incentivados a retratar o assunto com uma carga emotiva. O conflito dá abertura para que a glória, o heroísmo sejam salientados, fomentando o “valor jornalístico”, constantemente regido, nesses casos, por coberturas ao vivo, ação dramática, simplificação de eventos, personalização das histórias e resultados de “vitória” ou “derrota” (Corbett, 2012a, 2012b; Shinar, 2011; Nohrstedt, 2009 apud Shinar, 2013, p.11). Por isso, quando a paz volta a conquistar o seu espaço, é o momento em que os jornalistas vão embora (Wolfsfeld, 2004, p.15 apud Shinar, 2013, p.12).

Imediatismo, dramatização, simplicidade e etnocentrismo são conceitos presentes no jornalismo de guerra que tornam esse conteúdo significativo para a

mídia e contribuem para que o conflito seja lido como entretenimento ao invés de uma busca por informação (Shinar, 2013, p.12). O imediatismo surge quando o jornalista precisa captar aquele momento pelo simples fato dele ser imediato e único, não se atrelando às políticas ou processos de longo prazo. A dramatização exige que o profissional apresente a face crua do conflito, como a violência, as crises, as divisões, entre outros. A simplicidade pode ser lida como redutora do combate, visto que acredita que ideologias, textos, instituições e conflitos multilaterais têm menos valor jornalístico. Por fim, o etnocentrismo faz uma seleção do que é ou não considerado notícia a partir do sofrimento, das crenças e da brutalidade presente no conflito.

Em suma, os estudos acerca do jornalismo de guerra são pertinentes para tentar compreender se as coberturas sobre a YPJ instigam à resolução de conflitos ou se apenas destacam aspectos relacionados à guerra, o que é essencial para identificar como o Brasil, um país sem conflitos como os vivenciados pela Síria, proporciona quadros interpretativos sob seu material jornalístico neste assunto. Para tal, é necessário esclarecer sobre o conceito de enquadramento e como os diferentes quadros podem inferir na construção da realidade coletiva sobre o que é a Guerra Civil Síria e qual é a atuação da YPJ neste conflito.

ENQUADRAMENTO: OPERACIONALIZAÇÃO E CORPUS

O enquadramento vem sendo estudado e operacionalizado a partir de distintas perspectivas e abordagens (Mendonça & Simões, 2012). Em sua sistematização inicial, Goffman (1986) expõe os processos comunicativos e estabelece quadros, ou *frames*, de experiência, os quais são importantes para definir a base dos acontecimentos sociais, assim como a nossa situação e implicações perante eles.

Segundo o autor, esses quadros em sua forma primária permitem que os indivíduos respondam a pergunta “O que está acontecendo aqui?” em relação aos acontecimentos do dia-a-dia. Os quadros primários não são construções individuais, mas sim socioculturais, que acionam regras e convenções vigentes daquela interação social, permitindo que o indivíduo consiga se inserir naturalmente diante de eventos do cotidiano e tome atitudes de acordo com as “normas” que aquele contexto exige. Perante isso, o enquadramento aborda como esses quadros, primordiais para a matriz interpretativa do cotidiano, são mobilizados e estabelecidos. Essa mobilização permite que o indivíduo não apenas entenda, em âmbito cognitivo, o que está acontecendo, mas também configure quais serão as suas atitudes em uma dada ocasião.

Outra importante sistematização de enquadramento - e que deriva da apresentada anteriormente - é o enquadramento noticioso (Entman, 1993). Essa abordagem fomenta pontos os quais Goffman (1986) não trabalhou em suas pesquisas e que foram abordados neste artigo, especialmente, ao que concerne sobre como a seleção do que é, ou não, escolhido pela mídia em seus produtos trata-se de uma forma de enquadramento que irá moldar e influir a construção social da realidade.

Para Entman (1993), o conceito de enquadramento noticioso se resume a uma seleção dos aspectos da realidade que são postos no processo comunicativo - principalmente no jornalismo - para que estes construam uma determinada visão sobre o assunto. Segundo o autor, esse processo permite inferir o que está estabelecido na agenda midiática, quais aspectos da realidade são aptos, ou não, para se tornarem conteúdo e por que certos pontos recebem mais destaque, ou não, do que outros na mídia.

Além de criar um sentido específico para um assunto ou objeto, a seleção e saliência das pautas, como apontado pelo autor, regem os diferentes enquadramentos adotados. Entretanto, dentro do campo da comunicação, esse processo é feito de forma tanto consciente quanto inconsciente pelos comunicadores e pela presença, ou ausência, de determinadas palavras-chave ou frases-base. Ou seja, os quadros presentes na ideia de enquadramento afetam e são afetados pelas realidades existentes, sendo recortes sociais que influenciam o fazer jornalístico e sua recepção, ao passo que também são responsáveis pelo processo de transformação e sobreposição de quadros na sociedade.

Outra sistematização do conceito de enquadramento - para além de Goffman (1986) e Entman (1993) - e que também se faz importante para a discussão proposta neste artigo, é o enquadramento multimodal (Wozniak *et al.*, 2014). O multimodal, para além dos critérios já estabelecidos pelos outros autores, abrange as representações visuais e as possíveis construções comunicativas que podem ser elaboradas nas imagens.

A abordagem multimodal é estabelecida em três eixos: enquadramento; narrativa e representação visual. A saber, o polo sobre enquadramento, trata do conceito de enquadramento noticioso elaborado por Entman (1993). O segundo pólo, a narração, busca entender o grau de dramatização, gênero narrativo e os papéis associados aos sujeitos presentes na notícia. Já a representação visual é mais estilística, se atentando às questões imagéticas presentes no objeto analisado.

Para o presente trabalho, foi utilizada a ideia de três pólos principais para a construção do livro de códigos, mas com algumas adaptações pertinentes ao

objeto estudado. Para entender melhor como isso foi feito, a construção do livro de códigos e seus detalhes foram explanados na subseção seguinte, junto com a coleta e seleção do corpus.

Construção do *corpus*

Para a construção do *corpus* foram selecionadas matérias que trazem a temática da atuação da YPG na Guerra Civil Síria. Para tal, a seleção do corpus foi feita a partir da busca com palavras-chaves. Os termos utilizados na busca foram: ypj; Unidades de Proteção da Mulher; combatente; curdistão; curda; mulheres curdas; guerra na Síria; notícias. Estes termos foram inseridos no mecanismo de busca da plataforma Google e Google Notícias, para o recolhimento do material. Ao todo, foram coletadas 70 notícias nacionais a respeito da YPJ.

É importante salientar que durante a coleta do material, não houve recorte de veículos, formatos específicos e datas de publicação. Assim, conseguimos coletar todas as matérias que trazem a temática e que estão hospedadas na internet. Dentre os veículos temos exemplos de mídias tradicionais, como O Globo, G1, BBC, Folha de S. Paulo, até mídias alternativas como Brasil de Fato e Sputnik Brasil.

A metodologia escolhida foi análise de conteúdo (Bardin, 2011), que respeitou os critérios de confiabilidade propostos por Krippendorff (2004). Os operadores analíticos e categorias foram desenvolvidas exclusivamente para este trabalho e consideram três eixos, sendo eles: (1) manchete, (2) conteúdo visual e (3) conteúdo textual do corpus selecionado. Ao todo são 67 variáveis binárias divididas entre os três eixos apresentados. Para conferir credibilidade às variáveis criadas, foi realizado o teste de confiabilidade entre dois codificadores utilizando 10% do material. Os resultados mostraram que o *alpha* de Krippendorff ficou entre 0,7 e 1, se mostrando confiável para a aplicação.

O primeiro eixo do livro de códigos, que compreende às manchetes, tem como foco extrair informações sobre o que é exposto ao público quando apenas o título e o subtítulo são lidos, ou seja, busca mapear quais as principais escolhas dos jornais na “porta de entrada” do conteúdo. Este pólo busca entender se no título e subtítulo da matéria são expostas as informações sobre o ator da notícia e seus detalhes, como tipo de ator, ação do ator e ligação do ator.

O eixo visual procura entender quais informações o conteúdo não-verbal traz, ou não, para o público e, simultaneamente, avalia quais as principais escolhas dos veículos comunicacionais para tratar do assunto a nível visual. Este segundo pólo tem como ponto de partida as variáveis formais “tipo de imagem”, “quan-

tidade de imagens”. Posteriormente, parte para código denotativos, focados na identificação dos elementos da imagem, como uso de símbolos ou bandeiras que representam o movimento. Além disso, esse eixo explora o estilo da imagem, inferindo sobre posicionamento de câmera (ângulo e distância) em relação ao tema principal.

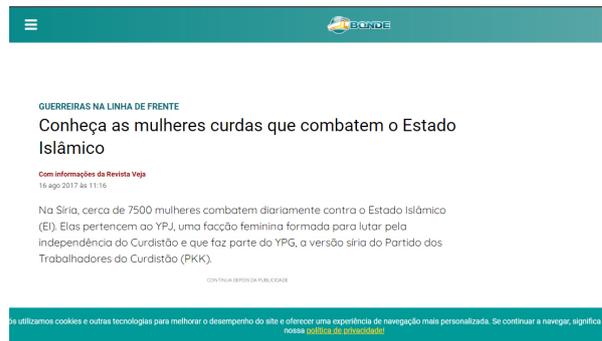
O último eixo do livro de códigos trata do conteúdo textual que, diferente do polo anterior, explora a parte verbal da notícia. Por isso, foram criados quatro focos para a análise: tipo de veículo, questões de gênero, questões sobre a Guerra Civil Síria e questões envolvendo a YPJ. Esta categoria está unicamente ligada à narrativa buscando entender e mensurar quais foram os quadros adotados pela mídia ao noticiar sobre o tema.

PELA ÓTICA DA GUERRA E DO GÊNERO: OS ENQUADRAMENTOS DA MÍDIA BRASILEIRA

Para compreender como a situação vivenciada pelos combatentes da YPJ foi construída na mídia brasileira, primeiramente sob a ótica da guerra, faz-se necessário mapear as principais informações presentes nas manchetes das notícias do *corpus*, uma vez que são a porta de entrada para o conteúdo analisado. Dentro das manchetes analisadas, as ações do ator ao trazerem lutas ou mortes em 40% das manchetes, denota como a mídia valoriza a violência provinda da guerra e, além disso, optam pelo “imediatismo”, captando eventos e ações específicas em vez de processos e políticas de longo prazo (Shinar, 2013, p.10 -11).

Para entendê-los melhor, a figura 2 denota como a ação lutar e morrer apareceram em uma das notícias da *corpus*:

Figura 2 - Exemplo de manchetes que correspondem aos códigos de ação lutar/combater e de ação morrer/ foi morto(a)/ falecer



Fonte (de cima para baixo): Portal Bonde e Portal Terra.

Seguindo os exemplos, percebemos como ambas as ações presentes nas manchetes, ainda que distintas, apontam para a mesma natureza ao evidenciarem questões de conflito sobre situações de guerra. Não se fala sobre discussões diplomáticas e tampouco as tratativas políticas em relação ao conflito. Isso reflete também no conteúdo textual uma vez que 65,71% das notícias ressaltaram a ocorrência de mortes.

O caráter de guerra das manchetes e do conteúdo textual se mostra coerente, uma vez que a guerra e seus conflitos bélicos é um elemento que possui um alto valor de notícia devido à sua capacidade de espetacularização (Shinar, 2009, p.10). Por consequência, atributos violentos que não exigem muito entendimento do público, como lutas e mortes, ganham mais espaço do que processos de paz. A diplomacia, por exigir mais tempo, dinheiro e entendimento do público, possui pouco valor-notícia e, por isso, acaba ocupando um menor espaço da mídia (Shinar, 2009, p.14).

Entretanto, só porque se trata de um volume considerável do corpus, não significa que esse tipo de manchete é amplamente aceito. Segundo Shinar (2013), essa cobertura tem sido criticada por desestabilizar o público em relação aos detalhes sangrentos da guerra, misturando notícias com opiniões e ignorando fatos e contextos. Desta forma, a cobertura da guerra pela mídia se torna entretenimento em vez de uma ferramenta na busca de informação.

A YPJ apareceu em apenas 4,29% das manchetes e, em contrapartida, o Estado Islâmico se mostrou presente em 50%. Tendo isso em vista, podemos perceber quando os jornais e revistas enfatizam apenas o Estado Islâmico em suas manchetes e excluem os demais agentes existentes, pelo fato deste possuir uma popularidade internacional que supera o ativismo da YPJ. Com exceção do Estado Islâmico, ao excluir os demais participantes da Guerra Civil Síria, a mídia transforma um conflito multifacetado em bilateral, reduzindo-o apenas em “Estado Islâmico versus Síria”, quando na realidade há muito mais agentes envolvidos e que compõem a multilateralidade do conflito.

Nesse aspecto, a YPJ não possui alto valor jornalístico, por ser um grupo atrelado às causas curdas e que faz parte da YPG. Esta última também não é considerada uma “grande personalidade” ao passo que os próprios curdos não são vistos como protagonistas na Síria nem mesmo antes da guerra, conforme as políticas que invisibilizam as causas curdas. Por outro lado, o Estado Islâmico, além de ser conhecido devido às atrocidades cometidas por parte de seus membros, ganhou fama após o atentado de 11 de setembro, sendo considerado, desde então, um protagonista de guerra. Com isso, entende-se que no material recolhido, a mídia está utilizando o recurso da “simplicidade”, excluindo os agentes de menor valor jornalístico do conteúdo, exposto por Shinar (2013), o que justifica a alta frequência do Estado Islâmico nas manchetes e a pequena aparição da YPJ.

A ausência de conjunturas da Guerra Civil Síria nas matérias também foram evidentes quando apenas 15,71% do *corpus* teve a preocupação em abordar um histórico do conflito ou pelo menos citar a ocorrência da Primavera Árabe, que foi quando tudo começou. O público não é contemplado com qualquer informação sobre o antes do conflito — o que levou àquela situação —, o durante — o que deve ser feito para transformá-la — e o depois — legado deixado e quais são as consequências e estratégias de prevenção — se distanciando da cobertura de paz (Cabral & Salhani, 2017, p.15).

Esse espaço vazio nas conjunturas, coloca em voga duas questões que acompanham o dia-a-dia dos jornalistas de guerra. A primeira é que a falta de complexidade no conteúdo textual pode ser justificada pela ausência de recursos que afetam os jornalistas de guerra como, por exemplo, as estruturas materiais, as situações de conflito no local, clima político, os lobbies e as audiências em diferentes fases dos conflitos e as características pessoais dos jornalistas (Shinar, 2013, p.11). A segunda questão trata-se do *fast food* midiático (Shinar, 2017, p.16), em que a carência de detalhes sobre as especificidades do conflito se devem a pouca exigência de interpretação do público e dos próprios jornalistas, como uma forma de poupar tempo e dinheiro.

Outro argumento que reforça a superficialidade das conjunturas trata-se de que o Estado Islâmico e o governo de Bashar al-Assad foram citados, respectivamente, em 84,29% e 32,86% do conteúdo textual das notícias, porém, as justificativas de como estes atuam na guerra e quais os impactos de suas ações foram citadas em menos de 12% em ambos os casos. Essa situação não se trata de uma novidade, uma vez que se assemelha ao exposto por Aldé (2004) que durante o conflito entre os Estados Unidos e o Iraque, os jornais nacionais de grande porte como a revista

Veja e o televisivo Jornal Nacional empenharam-se em retratar as monstruosidades de Saddam Hussein e seu regime, mas usaram poucas linhas para esclarecer o papel dos Estados Unidos na consolidação de seu poder. Tendo isso em vista, assim como os EUA no exemplo de Aldé (2004), o Estado Islâmico e o governo de Bashar al-Assad, embora tenha sido citados, não ganharam explicações detalhadas nas notícias dos *corpus*.

Outro aspecto que fomenta todos os pontos levantados anteriormente, e que também acrescenta novas problematizações, esteve presente nas imagens das notícias analisadas. As imagens do *corpus* complementam a natureza dos veículos em evidenciar questões violentas do conflito uma vez que 70% delas apresentaram atividade de guerra, sendo algumas sem pessoas (ver figura 2) e outras com pessoas (ver figura 3).

Figura 3 - Foto com atividade de guerra sem pessoas



Fonte: Sputnik.

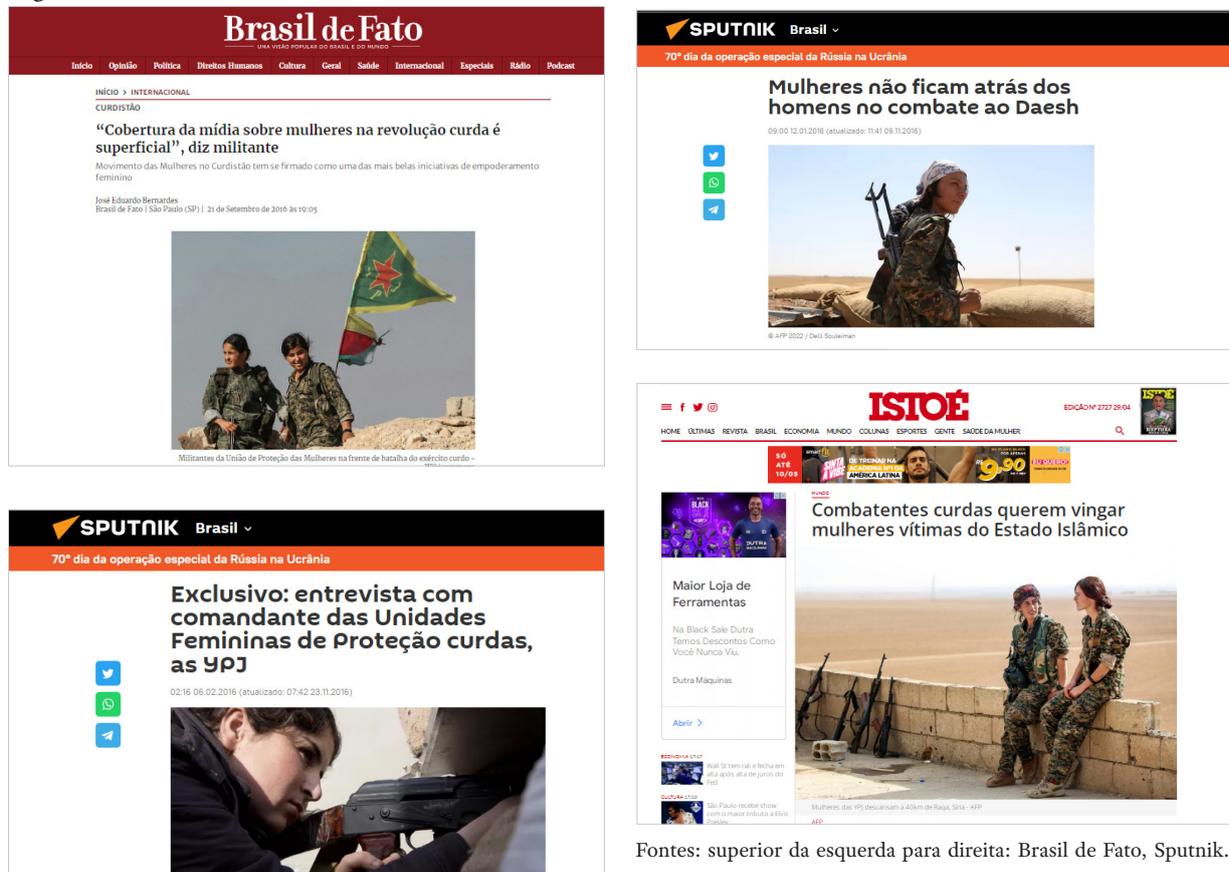
Figura 4 - Foto com atividade de guerra com pessoas



Fonte: Sputnik.

Além disso, mais da metade do *corpus* apresentou pessoas com armas nas fotos. Especificamente, em 55,71% foi possível perceber que em diversos ângulos e distanciamentos de câmera, as imagens traziam pessoas com armas próximas aos seus corpos, como na figura 4.

Figura 5 - Compilado de fotos de pessoas com armas em ângulos variados



Fontes: superior da esquerda para direita: Brasil de Fato, Sputnik. Inferior, da esquerda para direita: Sputnik, Istoé.

Tanto as imagens que denotaram atividade de guerra (70% do *corpus*) quanto as pessoas com armas nas fotos (55,71% do *corpus*) reafirmaram o apreço dos jornais e revistas por um enquadramento militar ou belicista, este último ressaltado por Aldé (2004). Segundo a autora, o enquadramento militar ou belicista é centrado em táticas, estratégias de guerra e, inclusive, arsenais e equipamentos, se tratando de uma ótica naturalmente atraente para os meios de comunicação de massa (Aldé, 2004, p.10). Ainda de acordo com Aldé (2004), o material se torna valioso ao fornecer carga dramática e imagética em relação aos conflitos, sendo um dos enquadramentos mais recorrentes nos meios de comunicação. E o enquadramento bélico exposto por Aldé (2004) se repete no conteúdo textual, já que 55,71% das matérias detalharam questões de armamento do conflito no momento retratado.

O ponto levantado pela autora ainda converge com a visão Shinar (2013) que afirma que, ao mostrar imagens com caráter armamentista, as notícias reforçam a dramatização e espetacularização presentes nas coberturas de guerra em prol da valorização da violência sem filtros (Shinar, 2013, p.12).

Este fato reflete a lógica interpretativa dos acontecimentos pelo enquadramento noticioso de Entman (1993). Este último, conforme explicado anteriormente, estabelece que os jornalistas, de forma inconsciente, fazem interpretações e recortes no momento da construção da notícia com base em seus próprios valores e interpretações, determinando qual seria a informação transmitida e o foco que ela traz. Esse processo de seleção e saliências é feito a partir de quadros pré-existentes da realidade interpretada pelos jornalistas e que eles de fato acreditam que são socialmente vigentes e válidos. Por isso, os produtos midiáticos, por sua vez, são passíveis de alterar esses quadros, bem como criar novos. Em suma, os recortes sociais vividos e feitos pelos jornalistas alteram a maneira que os quadros são interpretados, afetam e são afetados pela realidade, reforçando as seleções e saliências midiáticas expostas pelo autor (Entman, 1993, p.52).

A realidade do Brasil se distancia da realidade vivida na Síria, o que corrobora para que os detalhes mínimos do conflito não sejam vistos no dia-a-dia de qualquer indivíduo nativo, inclusive jornalistas. Isso contribui para que o *modus operandi* desses profis-

sionais não realize uma seleção e saliência dos detalhes diplomáticos, mas reforçam aqueles cuja ótica é mais atraente, nesse caso, o enquadramento bélico. As escolhas tomadas pelos jornalistas fazem com que a realidade seja alterada, uma vez que o produto midiático passa a ser acessado por outros indivíduos e, desta forma, o enquadramento bélico se torna valorizado pelos meios de comunicação, uma vez que ele é consumido pelo público, justificando sua “popularidade”. Portanto, é aí que se encontra a constante sobreposição de quadros, em que a mídia afeta a realidade e a realidade é afetada pela mídia.

Partindo agora para a ótica do gênero, a análise do corpus também nos trouxe pontos contundentes. Retomando os dados da manchete, em que a YPJ apareceu em 4,29% do material e o Estado Islâmico em 50%, ambos se justificam em como as mulheres quando ocupam o espaço de protagonistas ainda carecem de visibilidade, destacando a desigualdade de gênero dentro dos *media*. Esse ponto se sustenta à luz dos estudos Rayza Sarmento (2017) em “Das sufragistas às ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)”, que reflete sobre o gênero feminino como protagonista de notícias em 144 países, segundo uma pesquisa realizada pela *Global Media Monitoring Project (GMMP)* (Sarmento, 2017, p.68). De acordo com a autora e a pesquisa utilizada, as mulheres foram presentes em 24% das notícias em 2015, após ter sido de 21% em 2005 e 17% em 1995 (Sarmento, 2017, p.68), um número ainda baixo em relação à quantidade de notícias que circulam na mídia.

Outro ponto que coloca a YPJ como quase invisível nos títulos e subtítulos trata-se de que as mulheres

do grupo estão ligadas com uma guerra que envolve, diretamente e indiretamente, as esferas políticas, econômicas e governamentais de países participantes, ou não, do conflito. De acordo com Sarmento (2017), o gênero feminino é acionado, em sua maioria, para falar de experiências pessoais, enquanto comentaristas ou experts são papéis ocupados pelo gênero masculino (Sarmento, 2017, p.68-69). Tendo isso em vista, os veículos não irão recorrer às combatentes como comentaristas ou fontes de depoimento.

Analisando as imagens, um dado que se destacou no corpus foi que o close no rosto foi presente em 27,14% das notícias. Para compreender melhor o acionamento deste último, foram apresentados alguns exemplos, conforme a figura 6.

Os recursos que o close no rosto proporciona aos jornalistas em um tema tão abrangente como a Guerra Civil Síria não são informativos sob o ponto de vista do público. Afinal, quando esse distanciamento é acionado, pouco se revela sobre o que está acontecendo naquele momento ou detalhes do ambiente, já que o foco está apenas no rosto das combatentes. Tendo isso em vista, é possível perceber como os produtos midiáticos, ao retratarem o gênero feminino em seus conteúdos, buscam trazer a aparência à tona.

Segundo Sarmento (2017), os veículos de comunicação, ao tratarem de mulheres políticas, abordam características como idade, relações pessoais e domésticas, com atenção para traços de personalidade, vestimenta e aparência física (Sarmento, 2017, p.69). Portanto, ao trazerem as combatentes da YPJ para o debate público, os veículos de comunicação utilizarão recursos que explorem a aparência física das mulheres, uma vez que as mesmas são figuras ativas não só na guerra em si, mas também politicamente.

Para completar, ao tratar de movimentos feministas, os *media* realizam o processo de personalização. Segundo Sarmento (2017), há dois tipos de personalização, sendo o primeiro baseado em um foco excessivo na aparência com atribuição negativa e o segundo criando *superstars* do movimento (Sarmento, 2017, p.7). Nesse âmbito, o close no rosto das combatentes possibilitou a criação de *superstars*, uma vez que o rosto de três delas se tornaram famosos devido à aparência física e apareceu em diversas notícias analisadas. A primeira é Asia Ramazan Antar (esquerda da figura 7), que ficou conhecida como Angelina Jolie

Figura 6 - Compilado de fotos de close no rosto



Fontes: BBC (à esquerda), Marie Claire (à direita).

Curda. A segunda é Rehana, uma combatente que matou mais de 100 jihadistas e é lembrada como Anjo de Kobane (meio da figura 7). Já a terceira é Tiger Sun, uma combatente que ficou conhecida também por ser ex-modelo canadense (direita da figura 7).

Figura 7 - Compilado de fotos de Asia, Rehana e Tiger



Fontes (de cima para baixo): Portal Terra, Portal Terra, Marie Claire.

Essa problemática de recorrer à aparência nos faz pensar que se ao colocarem fotos de close no rosto das mulheres, os veículos de comunicação se preocupam com os empecilhos vivenciados, as pautas feministas e lutas defendidas pelas combatentes, ou se apenas usam imagens que apeteçam as intenções econômicas e de público.

O uso das imagens das combatentes pelos jornais foi feito com intenção que se desvirtua dos reais objetivos do grupo e o conteúdo textual é um reflexo disso. Ainda que citem mulheres em 82,86% das notícias, pouco se fala sobre estas, uma vez que tanto as suas lutas quanto os seus desafios foram citados em menos de 40% do conteúdo. Recapitulando a teoria de feminismo interseccional, segundo Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade trata-se uma conceitualização do problema com foco em entender as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação (Crenshaw, 2002, p.174). Judith Butler (2003) afirma que não é possível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais (Butler, 2003, p. 20 *apud* Henning, p.108). Logo, a noção de gênero está imbricada em outras esferas sociais, políticas, econômicas, culturais, territoriais, entre outros.

Tendo isso em vista, seria perigoso atribuir a pequena aparição dos problemas das mulheres orientais apenas ao gênero, pois fomentaria o que Crenshaw (2002) aponta como superinclusão. Este termo aparece quando os aspectos que tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que as formas de discriminação tenham exercido em tal circunstância (Crenshaw, 2002, p.174).

Portanto, é necessário um esforço em reconhecer que o precário detalhamento na mídia acerca dos problemas vivenciados pelas mulheres decorrentes do machismo ou da Guerra Civil Síria vai além do fato destas serem mulheres e inclui outros marcadores de diferença. No âmbito deste trabalho, a YPJ enfrenta não apenas problemas inerentes ao gênero feminino, mas também aqueles provenientes do fato destas serem curdas, orientais e vítimas de guerra em um país como a Síria, ainda regido por uma forte tradição e aspecto religioso. Todas essas características ainda são marginalizadas, ocasionando na invisibilização do grupo, inclusive no campo midiático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, alguns atributos contribuíram para os materiais fossem noticiáveis como, por exemplo, a Guerra Civil Síria ser recente e ainda estar em andamento, a grande visibilidade do Estado Islâmico, o fato

do conflito envolver uma nação inteira como a Síria e também outras potências mundiais e, principalmente, o fato da Guerra Civil Síria ser considerada o pior desastre humanitário desde a Segunda Guerra Mundial¹, de acordo com as Nações Unidas. Por outro lado, alguns fatores não contribuíram para que os acontecimentos fossem divulgados nos veículos nacionais como a falta de envolvimento do Brasil no conflito, a distância geográfica e o impacto sobre a nação não ser totalmente claro aos olhos dos jornalistas.

Mesmo com pontos a favor e contra a noticiabilidade, nenhum atributo impediu que os acontecimentos se tornassem notícia. Além disso, todos os atributos citados, favoráveis ou não ao fato, possuíam algum impacto na forma em que o acontecimento foi noticiado. Essa ótica pode ser corroborada com a Aldé (2004) ao passo de que, se tratando do ponto de vista de uma nação que não participa diretamente do conflito, como o Brasil, há enquadramentos mais simplistas, que tendem a reforçar uma visão estereotipada das forças em conflito (Aldé, 2004, p.13).

Sob a ótica do conflito e das guerras, podemos perceber que o foco predominante foi o armamentista tanto nas manchetes, nas imagens quanto no próprio conteúdo textual. Esse resultado relaciona-se com a cobertura de guerra (Shinar, 2009) e o enquadramento bélico (Aldé, 2004), uma vez em que nas manchetes mortes e lutas foram destaques, figuras políticas como Bashar al-Assad não foram enaltecidas, atividades de guerras e armas dominaram as imagens, e o conteúdo textual ficou marcado pela ausência de processos diplomáticos da Guerra Civil Síria. Isso denota que, mesmo o Brasil sendo um país que não possui conflitos e nem está localizado próximo a um, os nossos critérios de noticiabilidade e valores-notícia ainda são voltados para espetacularização e dramatização das guerras

como forma de atingir um público maior, carecendo de dados mais estruturados sobre os conflitos.

Mesmo com estrutura rasa e até mesmo insuficiente sobre a Guerra Civil Síria, o caráter bélico ainda possui um pouco mais de qualidade e sobressai quando comparado ao de gênero, que se mostrou consideravelmente mais velado. Isso é nítido pelo simples fato das manchetes trazerem o Estado Islâmico como principal ator, excluindo a YPJ e, conseqüentemente, as mulheres das notícias, não evidenciando sua presença e atuação, tão importantes, na Guerra Civil Síria. As imagens também pecaram em representar a realidade vivida pelas combatentes, optando por trazerem closes no rosto que se tornam problemáticos ao favorecerem a criação de *superstars*.

Tanto no contexto de guerra quanto no de gênero, a informação sobre como as combatentes vivem e, principalmente, sobrevivem, diante de um cenário de conflito, mortes e destruições não são divulgadas. Percebemos que isso é fruto dos enquadramentos propostos por Entman com atuação tanto na mídia quanto no na sociedade, alterando as necessidades do público e as percepções dos jornalistas. Em suma, o foco adotado pela mídia nacional nas coberturas da YPJ e sua atuação na Guerra Civil Síria foi raso e vazio, sem destaques às condições de vida e atuação das combatentes ou às conjunturas do conflito. Os recortes foram evidentes durante a análise e nos mostraram também como os *media* ainda são imbricados por tradições que acarretam nas mais diversas incompletudes quando falamos em guerra e gênero.

Submetido em 30-10-2020

Aceito em 01-10-2021

NOTES

¹ A tragédia de uma era: guerra na Síria é a 'maior crise humanitária', segundo ONU. Disponível em: <https://bityli.com/XCGOr>.

Acessado em: 04 de outubro de 2020

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldé, A., 2004, "Mídia e guerra: enquadramentos do Iraque", São Bernardo do Campo, SP: Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).
- Bardin, L., 2011, "Análise de conteúdo", São Paulo: SP: Edições.
- Dirik, D., & Graeber, D., 2017, "A revolução ignorada: Liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio", São Paulo, SP: Autonomia Literária
- Cabral, R., & Salhani, J., 2017, "Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões", Brasília, DF: E-Compós, v.20.
- Cardoso, A. Z., 2013, "Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira", Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.
- Cohen, A. A., & Wolfsfeld, G., 1993, "Framing the Intifada: People and media", Norwood, NJ: Ablex.
- Crenshaw, K., 2002, "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero", Florianópolis, SC: Revista Estudos Feministas, pp.171-188.
- Entman, R. M., 1993, "Framing: Toward clarification of a fractured paradigm", Northwestern University, Journal of Communication v.43, pp. 51-58.
- Goffman, E., 1986, "Frame analysis: An essay on the organization of experience". Boston: North-eastern University Press.
- Henning, C. E., 2015, "Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença". Londrina, PR: Mediações - Revista de Ciências Sociais, v.20, pp.97-128.
- Krippendorff, K., 2004. "Content Analysis: An Introduction to its Methodology", London, EN: Sage Publications.
- Martinez, M., & Heller, B., 2020, "A guerra não tem rosto de mulher: Svetlana Aleksievitch reescreve a Segunda Guerra Mundial". Brasília, DF: E-Compós, v.23.
- Mendonça, R. F., & Simões, P. G., 2012, "Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito". São Paulo, SP: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.27, pp.187-201.
- Sarmiento, Rayza., 2017, "Das sufragistas às ativistas 2.0 [manuscrito] : feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)", Belo Horizonte, MG: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Shinar, D., 2016a, "Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio". São Paulo, SP: LÍBERO, v.24, pp.9-20.
- Shinar, D., 2016b, "Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz". São Paulo, SP: LÍBERO, v.21, pp.39-48.
- Shinar, D., 2013, "Reflexões sobre cobertura de guerras pela mídia: dissonâncias, dilemas e a necessidade de melhorar". São Paulo, SP: LÍBERO, v.16, pp.9-28.
- Shinar, D., 2009. "Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio". São Paulo, SP: LÍBERO, v.12, pp.9-20.
- Wozniak A., Lück, J., Wessler, H., 2015, "Frames, stories, and images: The advantages of a multimodal approach in comparative media content research on climate change. Environmental Communication" London, EN: Routledge, v.9, pp.469-490.

Curdas na Guerra Civil Síria. Enquadramento midiático sobre a YPJ no Brasil

Kurds in the Syrian Civil War. Media coverage of the YPJ in Brazil

Les Kurdes dans la guerre civile syrienne. Encadrement médiatique de la YPJ au Brésil

Pt. O artigo consiste em uma análise da cobertura jornalística de veículos de comunicação brasileiros sobre a Guerra Civil Síria, com foco na atuação da Yekineyên Parastina Jinê (Unidade de Defesa das Mulheres), conhecida como YPJ. A organização militar que se apresenta como objeto de estudo deste artigo é composta apenas por mulheres curdas com foco em defesa de ataques do governo sírio e do Estado Islâmico. O grupo busca empoderar mulheres, defendendo a igualdade de gênero, especialmente no que diz respeito à elaboração e execução de tarefas militares. Levando em conta as ações inovadoras da YPJ na Guerra Civil Síria junto à problemática dos produtos de mídia ainda presentes no nosso país, este trabalho procurou responder qual o foco das coberturas jornalísticas nacionais sobre as combatentes da YPJ. A partir de uma coleta realizada por meio do Google Notícias, chegamos há setenta notícias online sobre a YPJ, as quais foram analisadas sob a ótica do enquadramento multimodal (Wozniak et al, 2014) e da análise de conteúdo (Bardin, 2011; Krippendorff, 2004). Os operadores analíticos foram desenvolvidas exclusivamente para este trabalho e consideram três eixos, sendo eles: (1) manchete, (2) conteúdo visual e (3) conteúdo textual. Os achados de pesquisas apontam que as matérias brasileiras sobre a atuação da YPJ na Guerra Civil Síria são (i) marcadas por abordagens ligadas às questões bélicas sem aspectos diplomáticos e pela (ii) falta do protagonismo feminino nos enquadramentos midiáticos. A análise também revelou como a cobertura brasileira sobre a YPJ na Guerra Civil Síria é simplista no que tange à guerra, pois não se ateu às explicações pertinentes sobre o conflito, ou as questões atreladas à gênero, uma vez que não ofereceu espaço para que problematizações importantes sobre os feitos e condições de vida das combatentes fossem divulgados.

Palavras-chave: Enquadramento Multimodal; Jornalismo de Guerra; Guerra Civil Síria; YPJ.

En. The article provides an analysis of the journalistic coverage of Brazilian media outlets about the Syrian Civil War, with focus on the performance of Yekineyên Parastina Jinê (Women's Defense Unit), known as YPJ. The military organization that is presented as the object of study of this article is composed only of Kurdish women focused on defending attacks by the Syrian government and the Islamic State. The group seeks to empower women by advocating gender equality, especially concerning the design and execution of military tasks. Taking into account the YPJ's innovative actions in the Syrian Civil War along with the problem of media products still present in our country, this work sought to answer the focus of national journalistic coverage on YPJ fighters. From a collection carried out through Google News, there is seventy online news about the YPJ, which were analyzed from the perspective of the multimodal framework (Wozniak et al, 2014) and content analysis (Bardin, 2011; Krippendorff, 2004). The analytical operators were developed exclusively for this work and consider three axes, namely: (1) headline, (2) visual content, and (3) textual content. Research findings indicate that Brazilian articles on the role of the YPJ in the Syrian Civil War are (i) marked by approaches linked to war issues without diplomatic aspects and by (ii) the lack of female protagonists in the media frameworks. The analysis reveals how the Brazilian coverage of YPJ in the Syrian Civil War has a shallow character both in terms of war, as it did not stick to the pertinent explanations about the conflict, as to gender, since it did not offer space for important problematizations about the characteristics and living conditions of the combatants were made public.

Key-words: Multimodal framing; War journalism; Syrian Civil War; YPJ.

Fr. L'article présente une analyse de la couverture par les médias brésiliens de la guerre civile syrienne, en se penchant sur l'action de la Yekineyên Parastina Jinê (Unité de défense des femmes), connue sous l'acronyme YPJ. Cette organisation militaire, objet de l'étude, est composée exclusivement de femmes kurdes engagées à défendre la population contre les assauts du gouvernement syrien et de l'État islamique. Ce groupe a pour but d'autonomiser les femmes, en prônant l'égalité des genres, notamment en termes de conception et d'exécution des tâches militaires. En se penchant sur les actions innovantes de la YPJ dans la guerre civile syrienne ainsi que sur la problématique des produits médiatiques au Brésil, il s'agit ici de comprendre quel aspect est mis en relief par les couvertures médiatiques brésiliennes sur les combattantes de la YPJ. Le corpus, constitué de soixante-dix articles d'actualité en ligne sur la YPJ, recueillis sur le site Google News, a été analysé sous l'angle du cadrage multimodal (Wozniak et al, 2014) et de l'analyse de contenu (Bardin, 2011 ; Krippendorff, 2004). Les opérateurs analytiques, définis exclusivement pour ce travail, considèrent les données sous trois angles : (1) les gros-titres, (2) le contenu visuel et (3) le contenu textuel. Les résultats de la recherche indiquent que les articles de presse brésiliens sur les actions de la YPJ dans la guerre civile syrienne sont (i) marqués par des approches relatives aux questions de guerre sans tenir compte des aspects diplomatiques et (ii) par l'absence de protagonisme féminin dans les cadrages médiatiques. L'analyse révèle que la couverture brésilienne de la YPJ dans la guerre civile syrienne est superficielle tant sur le plan de la guerre elle-même, car elle ne s'en tient pas aux explications pertinentes sur le conflit, que sur celui du genre, aucun espace n'étant ouvert aux problématisations, pourtant centrales, sur les caractéristiques et les conditions de vie des combattantes.

Mots-clés : cadrage multimodal ; journalisme de guerre ; guerre civile syrienne ; YPJ.

